PALAVRAS DE AGRADECIMENTO PROFERIDAS PELO DR. THOMAZ POMPEU DE SOUSA BRASIL NETO EM NOME DE SUA FAMÍLIA NA SESSÃO SOLENE DO INSTITUTO DO CEARÁ EM HOMENAGEM AO SENADOR POMPEU

Meus Senhores:

Falando no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na sessão Magna de aniversário do venerando sodalício, em 15 de dezembro de 1887, Joaquim Manuel de Macedo traça, em largas pinceladas, o perfil do Senador Thomaz Pompeu de Souza Brasil.

E assinala, o romancista de "A Moreninha", que três fatais acontecimentos marcaram o Ceará naquele ano: a morte do Senador Pompeu, precisamente na data em que hoje reverenciamos a sua memória; a morte de José de Alencar, a 12 de dezembro e, por último, a seca que flagelara a Província, com o cortejo de padecimentos que, ainda no atual estágio de desenvolvimento, é o traço de nitidez maior da nossa terra e da nossa gente.

Não procura Joaquim Manuel de Macedo estabelecer paralelos entre aquelas duas monumentais figuras do século passado.

Dois gigantes, diria eu, na lídima expressão do termo, que se encontram, pelo menos, e quase eventualmente, na vida política nacional.

Se Alencar foi, acima de tudo, um escritor, o maior romancista do seu e do nosso tempo, com uma passagem rápida, embora brilhante, na atividade política, Thomaz Pompeu de Souza Brasil foi, vocacionalmente, um político, sem quebra de fidelidade à sua formação cultural e à universidade do pensamento humanístico. Daí ter ressaltado, muito bem, Joaquim Manuel de Macedo: "No Senado, violentando sua modéstia, que lhe criava embaraços de acanhamento, e contrariado embora pela fraqueza da voz, Thomaz Pompeu tomou condigno posto entre os oradores notáveis". E continua: "Nas campanhas do Parlamento desenvolvia em alto grau a estratégia do bom senso; nas pelejas a sua arma exclusiva era a lógica."

"Tinha a voz fraca, falava, porém, fluente, simples, grave, e era sempre ouvido com atenção".

Mais um ponto de identidade com José de Alencar. Franzino, o criador de Iracema também tinha a voz fraca. E se não primava pela lógica e simplicidade do estilo, prendia a atenção pela beleza da forma e riqueza vocabular de que era milagrosamente dotado.

Difícil a mensuração entre valores legítimos, já selecionados pela História. Mas não padece dúvidas de que o Senador Pompeu e José de Alencar elevaram, no grau mais alto, a inteligência, a política e a cultura do Ceará do seu tempo. Se Alencar, ao criar Iracema, confessava resgatar uma dívida à terra natal, cedo abandonado pela vida da Corte, Thomaz Pompeu, instalado na Corte por força dos mandatos políticos, transformou-se no intérprete da realidade objetiva da província sofrida e, àquela época, mais do que nunca, esquecida dos poderes públicos.

A razão assistia ao escritor quando se referia, com induscutível justiça, que a lógica "era a arma exclusiva" de que se valia o Senador Pompeu na tribuna parlamentar. Basta citar seu memorável discurso de 11 de julho de 1868, interpelando o Ministro da Guerra e o Ministro dos Estrangeiros por que a guerra do Paraguai não chegava ao fim. Incisivo, para não dizer severo, lembra, em tom de cobrança:

> "Ainda está presente à memória do Senado a segurança com que o nobre Ministro da Guerra, e seu honrado colega dos estrangeiros, de saudosa memória, nos disse aqui, o ano passado, que a qualquer momento, esperavam uma notícia estrondosa, de grande sucesso de campanha, depois do movimento do flanco de nosso exército, em julho daquele ano".

Logo a cerrada é a sua argumentação. Não esconde ou minimiza as vitórias até então obtidas, a partir da tomada de Humaitá. Mas não admite evasivas nem o otimismo gratuito.

Pede ao Governo que dê ao povo apenas a verdade. E a verdade são os algarismos irretorquíveis que alinha: o número de soldados nos campos da luta; as despesas crescentes do conflito; a subversão da palavra "voluntários", pois estes já não existem e, por último, o estarrecente protesto de que se enfrenta um atraso de seis a oito meses no pagamento do soldo dos combatentes.

Visto há mais de um século de distância esse protesto não cai no vácuo, todavia. Pois dá a dimensão de um homem cujo pensamento, tendo a Pátria como pólo central, se volta para os eternos relegados que compõem a legião dos menos favorecidos ou abandonados à própria sorte.

Sirvo-me desse trecho ao acaso. Cada um dos seus pronunciamentos, no entanto, traz o selo da realidade inarredável. Irrespondíveis os seus argumentos, principalmente quando se voltam para o Ceará e a sua política.

Com efeito, a sua bibliografia se destaca, sobretudo, pelos estudos dedicados à interpretação social e econômica da sua Província, encravada no Nordeste. Ele via o Brasil e o mundo, através do Ceará.

E tanto é assim que os "Princípios Elementares de Cronologia", os "Elementos de Geografia" e o "Compêndio de Geografia", oferecidos à mocidade cearense, ou, mais precisamente, aos seus alunos do Liceu do Ceará, logo se viram adotados no Colégio Pedro II, então o modelo dos cursos secundários do País, e em todos os liceus e seminários do Império.

O Senador Francisco Otaviano, ao comunicar aos seus pares o desaparecimento do colega eminente, declara que "apesar das dissidências que os separavam ligavam-nos relações muito íntimas de amizade, sobretudo na quadra em que batalharam na imprensa, nas lutas de partido, nesse tempo em que os partidos lutavam com tanta honra". Dois aspectos da sua personalidade exaltou Francisco Otaviano. O homem de partido e o jornalista que sempre foi, desde "O Cearense", fundado sob sua direção e responsabilidade, em 1846.

Meus Senhores:

O Ministro Parsifal Barroso, que percorreu toda hierarquia das posições, a partir do movimento revolucionário de 1930 — Deputado Estadual, Deputado Federal, Senador, Ministro e Governador de Estado, agora entregue à pesquisa para uma História da vida política do Ceará, acaba de retratar, com brilho da sua cultura e a eloqüência do seu estilo, o retrato de corpo inteiro do meu bisavô.

O Instituto do Ceará, a Academia Cearense de Letras, o Governo do Estado, por onde têm passado, não sem brilhantismo e dedicação, descen-

dentes de tão ilustre conterrâneo, do quilate de um Thomaz Pompeu de Souza Brasil (seu filho) ou de um Thomaz Pompeu de Souza Brasil Filho (seu neto) e ainda de um Thomás Pompeu Sobrinho, (seu sobrinho neto) para citar apenas três, conferiram-me a distinção de lhes agradecer a homenagem desta noite. Recordando ainda tantas outras figuras familiares que conheci, por tradição e pelas lembranças de que delas me tornaria depositário, só me resta, em sinal de gratidão a todos os Senhores, confessar-lhes que me sinto orgulhoso e altamente gratificado, por tudo quanto eles fizeram por nossa terra, pelo Nordeste, e pelo Brasil. Porque, na feliz expressão de Machado de Assis: "esta é a glória que fica, eleva, honra e consola".

Muito obrigado a todos os Senhores, e especialmente ao Ministro Parsifal Barroso, ao Instituto do Ceará, à Academia Cearense de Letras e ao Governo do Estado, em nome da família do Senador Thomaz Pompeu de Souza Brasil.